

Notícias de Barcelos

Director e Proprietário—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELÓS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELÓS

A FESTA DO TRABALHO

Barcelos vai realizá-la no dia 1.º de Maio

Antecipadamente damos a certeza de que as classes trabalhadoras e produtoras do nosso vasto concelho vão realizar, com brio, com entusiasmo,—com todo o brio e entusiasmo de que são capazes e de que têm dado provas—a Festa do Trabalho Nacional.

Unindo-se, confraternizando, dando largas ao seu espírito patriótico e de amor à terra, associando o seu entusiasmo à manifestação quente do que podem e valem e contribuem para as prosperidades da Nação—os trabalhadores do nosso concelho realizarão no dia primeiro de Maio próximo a sua festa.

Marcaram notas bizarras as festas que se realizaram em Braga e Guimarães—e deram a conhecer aos dirigentes da Nação que o Minho é, realmente, uma região de Trabalho, que as classes operárias souberam compreender o significado do patriótico da sua festa do Primeiro de Maio—e que agricultores, lavradores, industriais e homens de todas as actividades minhotas, sabem unir-se e dar a certeza da sua devoção ao engrandecimento de Portugal.

Que a gente trabalhadora do nosso concelho tem compreendido o alcance das suas manifestações, fazendo sobressair a prosperidade da indústria concelhia—tem-no dito e afirmado, de um modo inequívoco, as *Paradas Agrícolas e Industriais* que nesta terra se têm realizado por ocasião das tradicionais Festas das Cruzes, cortejos que têm brilhado pelo número de carros representando indústrias concelhias e afirmando o desenvolvimento da produção agrícola.

Pelo que já se tem verificado, po-

demos compreender, antecipadamente, que será a Festa do Trabalho; e podemos também ajuizar do entusiasmo que a notícia da sua organização na nossa terra vai produzir em todos que verdadeiramente amam as suas prosperidades e o seu engrandecimento moral e cívico.

Assistimos, na passada segunda-feira, à reunião que pelas 17 horas se efectuou no salão nobre dos Paços do Concelho, a qual fôra convocada pelo sr. Presidente da Comissão Administrativa do Município para «ser apreciada a conveniência de se realizar nesta cidade a Festa do Trabalho no dia primeiro de Maio do próximo ano».

Não foi sequer apreciada a conveniência de se realizar essa festa em Barcelos: no espírito de todos estava deliberada a sua realização.

Achavam-se presentes os srs. Miguel Gomes de Miranda, presidente da Comissão Administrativa do Município; dr. Joaquim Pais de Vilas-Boas, presidente da Comissão de Iniciativa e Turismo; dr. Miguel Pereira da Silva Fonseca, presidente da Associação Comercial; Francisco José Monteiro Torres, administrador do Concelho; dr. Antonio Pedrosa Pires de Lima, vice-presidente da Comissão Concelhia da União Nacional; Joaquim Correia de Azevedo, vogal da mesma Comissão; Manoel Vieira, da direcção da Associação Comercial; José Martins, do Sindicato dos Operários da Construção Civil; Emilio Rodrigues Moreira, do Sindicato dos Empregados do Comércio; e, representando a Imprensa, os srs. João Carlos Coelho da Cruz, pelo «Comér-

cio do Pôrto» e «A Voz»; Eduardo Silva, pelo «Diário da Manhã»; João Pereira da Silva Corrêa, pelas «Novidades»; Francisco Santos, pelo «Correio do Minho»; Rogério Calás e João de Sousa, respectivamente pelo «O Barcelense» e «Notícias de Barcelos».

Discutido o assunto e verificadas as possibilidades da realização da Festa do Trabalho em Barcelos, foi deliberado nomear uma Comissão de entre os presentes, incumbida de coadjuvar e coligir elementos, com o fim de tornar as Festas das Cruzes e do Trabalho o mais brilhante possível. Essa Comissão ficou constituída pelos seguintes senhores: Miguel Gomes de Miranda, pela Comissão Administrativa Municipal; Francisco Torres, Administrador do Concelho; dr. Miguel Pereira da Silva Fonseca, pela Associação Comercial; dr. Joaquim Gonçalves Pais de Vilas-Boas, pela Comissão de Iniciativa e Turismo; dr. Antonio Pedrosa Pires de Lima, pela Comissão Concelhia da União Nacional; e João Carlos Coelho da Cruz, pela Imprensa.

Esta Comissão inicia desde já os seus trabalhos e na próxima segunda-feira, 30, realizar-se-á, ás 16 horas, nova reunião no salão nobre dos Paços do Concelho, para serem apreciados os elementos de informação obtidos e serem nomeadas as Comissões necessárias.

Que Barcelos marque, na Festa do Trabalho, a posição que lhe compete.

Que todos contribuam para o brilhantismo da Festa do Trabalho Nacional.

BOAS-FESTAS

Aos nossos colaboradores, assinantes e leitores, desejamos-lhes FESTAS ALEGRES e um NOVO ANO venturoso e feliz.

CAMARA DOS SOLICITADORES

Realizou-se na ultima quinta-feira a eleição do Conselho Director da Camara dos Solicitadores do Distrito Judicial do Porto, que principiará as suas funções no 1.º de Janeiro do proximo ano.

Foi eleito presidente o Sr. Manuel Camanho da Mata Junior, um dos solicitadores mais ilustres daquela cidade.

Muito ha a esperar da sua acção na Camara e será esta a ocasião oportuna de, nesta comarca, onde ha oito solicitadores, haver um delegado do Conselho Director.

Em novembro de 1934, o Conselho da Camara, a que presidia o Sr. Narciso da Silva Matos, resolveu constituir-se em delegação nesta comarca, conforme o permite o art.º 29 do Regimento das Camaras dos Solicitadores e oficiou aos solicitadores desta comarca perguntando-lhes se achavam a ideia aceitavel.

Responderam seis solicitadores afirmativamente, ignorando nós o que os dois restantes responderam, se é que o fizeram.

Em Janeiro do corrente ano foi eleito novo Conselho Director que não mais tratou do assunto para que tinham sido ouvidos os solicitadores desta cidade.

Estes, em officio de 8 de Abril dirigido ao actual Conselho, extranharam que tal succedesse.

Em 21 de maio, por officio circular 1.286, foi-lhes respondido que não julgavam oportuna por agora, a nomeação de quaisquer delegações, por não estarem estudadas convenientemente as atribuições que deviam ser conferidas ao delegado.

E desde maio até ao presente, talvez não estejam ainda estudadas...

Confiamos no eleito Conselho Director, que principiará as suas funções em Janeiro, que será criada uma delegação nesta comarca que fará «elevar o nível moral da classe» e «cuidar com zelo que os agremiados exerçam a sua profissão com decoro, probidade...» (alínea e) do art.º 3.º e n.º 2.º do at.º 14.º do Regimento das Camaras dos Solicitadores).

Assim o esperamos.

DR. MIRANDA DA ROCHA

Em consequência dum desastre de automóvel próximo da Mealhada, faleceu no transato sábado o sr. dr. José Maria Miranda da Rocha, assistente do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e antigo director do nosso colega de Braga «Correio do Minho».

Contando apenas 27 anos incompletos, o extinto, deixa inúmeras saudades a todos os seus conhecidos.

Pela palavra e pela pena, foi um estrênuo defensor da Ordem Nova e, apesar de novo, ocupava já um lugar de destaque na politica nacionalista.

—«Notícias de Barcelos», registando com pesar a infausta noticia, faz votos para que sua Alma descanse em paz.

NOTAS DE LISBOA

23 DE DEZEMBRO

Quiz a União Nacional sufragar a alma do grande marechal Gomes da Costa com solenes exéquias, que se efectuaram na magestosa igreja de S. Domingos. Procedeu muito bem. Lembramos mortos, grandes que foram na vida dedicada ao serviço da Pátria; lembrá-los através das orações da Igreja foi sempre tradição de Portugal, que sempre, na sua história, encontrou amparo na Fé.

Foi entre promessas que a República surgiu. Uma delas, prometida com entono, foi o Código Administrativo, que de promessa não passou até que a Revolução Nacional, que não promete por sistema, mas realiza, meteu ombros á decisão de o publicar, em proposta de lei apresentada há dias á Assembleia Nacional.

Como o verdadeiro caminho das verdadeiras reformas é a conciliação do progresso do tempo com as lições do passado, o Código Administrativo do Estado Novo nem se inclina para o passado, em atitude de quem o adora e copia, nem se deixa arrastar na vertiginosa correria dos que julgam o progresso pelas suas utopias. Aproveitando as lições do passado e as realidades do presente e equilibrando-as como é de razão prática, o Código Administrativo é mais uma prova do método de reforma que o Estado Novo, em boa hora, vai efecti-

vando em todos os dominios da sua actividade.

¡Bela iniciativa a do sr. Ministro do Interior! A «Campanha de Auxílio aos Pobres no Inverno», que tem por fim distribuir alimento, roupa e abrigo aos indigentes, nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, merece os nossos incondicionais louvores porque a todos os bons corações é grato o bem que fizemos aos pobrezinhos. Impossível que Deus não abençoe o Estado Novo, «pessoa de bem», segundo a frase de Salazar, e não lhe dê a virtude de triunfar dos seus inimigos, baixas almas, roídas de inveja e despeito.

Não é função do Estado substituir-se á caridade particular,—mas compete-lhe e cumpre-lhe fomentá-la, na medida do seu papel de orientador de iniciativas, para bem da Nação.

Já se publicou o decreto-lei que fixa a taxa a incidir nos rendimentos colectáveis resultantes de nova avaliação predial urbana. Verificou-se que Salazar, sempre justiceiro, tinha razão para dizer, há tempo, que não berrassem antes do tempo os que berram por tudo e por nada; e para lembrar a regra dos que se calam nos benefícios que recebem.

¿Não será esta a ocasião de estes romperem o silêncio, prestando homenagem á justiça do decreto?

«Notícias de Barcelos»

Devido á falta de energia eléctrica durante todo o dia de ontem, com a qual fazemos a impressão do nosso jornal, sai este apenas hoje, sexta-feira.

Aos nossos assinantes da Província

Tendo-nos chegado devolvidos alguns recibos da cobrança de assinatura do nosso jornal há poucos dias efectuada, prevenimos que novamente vamos proceder á cobrança desses recibos.

Pedimos o especial favor de liquidarem esses recibos logo que pelos Correios lhes sejam apresentados. Assim cumprem o dever de homens honrados.

Há assinantes que, pelo seu excessivo atrazo de pagamento e a procederem como até aqui, não merecem o nosso respeito e consideração. Com esses iremos agir como muito bem entendermos, nada tendo que reparar no nosso procedimento.

ECOS & COMENTARIOS

DE TODA A PARTE

«Queixem-se do Salazar»

Este recorte é das «Novidades», e fazêmo-lo para que se veja como certos personagens da fiscalização andam empenhados em tornar odiosa a aplicação das leis, malquistando o povo com aquele Estadista que mais o tem procurado defender e servir. Leiam isto, e vejam se pelos nossos sitios não tem encontrado «funcionários» de igual ou parecido estójo—a atirarem sobre Salazar a sua odiosa interpretação das leis:

«Transcrevemos do semanário «Beira-Dão»:

«Lá uma mulherzinha com a sua carroça de hortaliça para a praça de Vizeu. A frente do jumento, que puxava a carroça, ia um filho da mulherzinha. Ela ia atrás. Surge o fiscal que lhe pergunta pela licença. Trá-la ali minha mãe, responde o pequeno.

—A lei diz que o condutor é que deve trazer a licença, ripostou o fiscal. E multou a mulherzinha, que estava ali com a licença na mão!!!

Enquanto um carreiro ajudava a descarregar o seu carro, que para isso estava parado, mandou um rapaz, para a frente dos bois. Chega o fiscal e pede-lhe a licença.—Deve tê-la o carreiro. E tinha. Mas não lhe valeu de nada. Foi multado. Quem deve trazer a licença é o condutor. Mas o carro, agora estava parado!

Outras são as proezas dêste biltre, que depois diz ainda cinicamente ás vitimas: «Queixem-se do Salazar. Ele é que manda!»

Agora do «Noticias de Beja»:

Não são casos esporádicos estes. Recentemente, chegaram dois pequenos proprietários de uma aldeia a uma Repartição de Finanças, perguntando se determinada contribuição estava em cobrança, para pagarem. O empregado respondeu-lhe que não estava e que oportunamente receberiam o aviso de pagamento. Poucos dias depois, eram intimados a pagar o relaxe. A queixa, que vieram juntamente formular, recebeu a resposta do biltre, de que fala o «Beira-Dão».

Já não é nova a tática: está apenas intensificada. Estamos em face de uma batalha rude e covarde, que no entanto vai contando as suas vitimas sucessivas. E' um crime contra o povo que é preciso que acabe. Mas compreende-se o procedimento das Autoridades será tanto mais eficaz quanto mais pormenorizadamente lhe forem prestadas informações. Os lesados dirijam-se directamente, com os nomes e identificação dos «biltres», a quem de direito.»

Uma máxima de Diógenes

«O famoso filósofo que foi Diógenes, grego levantou uma tenda na praça do mercado de Atenas, na qual pôs a seguinte inscrição: «Aqui vende-se a sabedoria». Um transeunte que lera a inscrição e se rira doidamente dela, chamou um seu criado, deu-lhe três moedas e disse-lhe: «Pergunta áquele fanfarrão quanto dá de sabedoria por três moedas.

O criado foi, deu as três moedas e cumpriu a ordem do seu amo.

Diógenes meteu o dinheiro ao bolso e disse: «Diz a teu amo esta máxima: Em todas as obras tem a vista fixa no fim».

«Tanto estimou áquele senhor esta máxima que a mandou esculpir na porta da sua casa para despertar em si mesmo e a todos os que entrassem nela a lembrança do seu fim.

Ninguém lembrou tanto a miúdo e com tanta eficácia aos homens o seu último fim como Jesus Cristo.

Prouvera a Deus que o cristão a tivesse sempre diante dos olhos.»

As simpatias pela Itália

—ou pela Abissinia

Devemos dizer, antes de transcrever, que nos não temos referido á guerra entre a Itália e a Abissinia—porque a confusão tem sido de tal ordem, que se não tem sabido, ao certo, o que se passa em *victórias e derrotas*,—entre os exércitos em luta.

Temos notado, é certo, certas simpatias: umas pela Itália, outras pela Abissinia, sem, contudo, podermos, em nosso intimo, profundar as causas de tais simpatias.

«O Trabalhador» levanta um pouco o véu que encobria essas simpatias, nestes termos:

«Desde que estalou a guerra entre a Itália e a Abissinia, não faltam amigos daquele povo entre gente que há pouco talvez o não conhecesse de nome.

E' que os amigos da Abissinia são sobretudo inimigos do regime fascista vigente na Itália, e que poderá ter os defeitos que quizer mas acabou lá com a desordem anarquista e bolchevista que ia levando a Itália á ruína. As esquerdas de várias nações são as que agora morrem de amores pelos «irmãos abissinios».

Por palavras...—porque quanto a obras, é o que os leitores vão vêr.

Em Espanha por exemplo, conta o TRABAJO, a Cruz Vermelha fez um apêlo para socorrer aos feridos abexins: pessoal para enfermagem e dinheiro e medicamentos.

Pois na Espanha onde as esquerdas são furiosamente anti-fascistas, homens para irem, pagos, prestar servi-

E' de justiça . .

Dizia o «Diario do Minho» de 20 dêste mês:

Informaram há dias os jornais:

«O sr. Manoel Espregueira de Oliveira, Presidente da Comissão de Viticultura da região demarcada dos vinhos verdes conferenciou hoje com o sr. Ministro do Comércio, sobre assuntos que muito interessam áquella região demarcada, entre os quais a publicação das características dos vinhos que se destinam ao consumo do continente e de liberdade de entrada dos vinhos verdes na cidade do Porto, pedidos que foram deferidos pelo titular daquela pasta, em face das razões apresentadas».

«A entrada livre do vinho verde na cidade do Porto impunha-se como acto de justiça á viticultura regional, prejudicada com as restrições e condenada a que o seu vinho fôsse lotado com os de outras regiões, para ser depois vendido ainda como verde regional. Oxalá a noticia se confirme.»

Fazemos nossas estas palavras.

ços aos abexins, apareceram uns mil mas donativos nem um e apenas dois medicamentos! A isso se reduziu o humanitarismo entusiastico das esquerdas espanholas!»

«O Diario do Minho», onde encontramos a transcrição do «Trabalhador», comenta muito bem:

«Certos amigos da Abissinia são como há anos certos amigos da guerra, que gritavam:

Preparêmo nos e marchal.»

As serpentes e o seu veneno

Conta a «Cruzada Missionária» este facto deveras sensacional:

«Os nossos leitores já conhecem casos fatais das mordeduras de serpentes; a-pesar-disso, leiam mais este que é singularissimo, contado por um missionario de Ceilão, na Índia.

O dono de uma hospedaria serviu um dia chá aos seus fregueses. O primeiro que o tomou, feitas as contas, levanta-se, dá alguns passos e caiu morto; o segundo, que tomou do mesmo chá, minutos depois, succede-lhe o mesmo; a seguir, mais um terceiro tem igual sorte.

Deram parte á policia, que appareceu immediatamente, para fazer averiguações sobre o estranho caso, lançando-se logo graves suspeitas sobre o hoteleiro. Este protesta com indignação, dizendo que fizera o chá como das outras vezes e assim o servira aos fregueses, e para mais provar a sua inocência apresenta á policia, o mesmo bule, ainda com bastante chá, e senta-se, tomando, êle próprio, uma chávena dêle.

—Que succede ao infeliz?

Apenas bebeu o liquido fatal, revolveram-se-lhe os olhos, cambaleia sobre a cadeira e cai morto aos pés dos policiaes!...

O que era? Feitas várias diligências, veio a descobrir-se que uma pequena cobra das mais peçonhentas se introduzira na chaleira, antes de feito o chá, e lançada a água e o chá sobre ela, lhe comunicára o seu veneno que matou aqueles pobres homens.

Que cuidado não é preciso com tamanho perigo... E pensarmos que aquella pobre gente pagã não mata as cobras, e as venera como deuses!

Malditos deuses!...

Quem é da União Nacional

A União Nacional, escreve o «Diário da Manhã» em *Matinal* de 9 do corrente, exige a todos os seus filiados o exercício constante de duas qualidades—a fidelidade e a disciplina.

A elas se referiu o sr. Doutor Oliveira Salazar no notável discurso proferido na sessão de encerramento de reunião plenária das Comissões Distritais da U. N.

A fidelidade consiste na conformidade do pensamento com a doutrina e na conformidade da acção com o pensamento.

A disciplina é o fruto da fé e da obediência que ordena, valoriza e multiplica as actividades singulares. A disciplina exige a conformidade das nossas vontades com a vontade do Chefe.

Não são da União Nacional os que pensam duma maneira diferente da doutrina a que disseram aderir ou invocam constantemente os seus principios e procedem duma forma totalmente oposta.

Não são da União Nacional os que embora tivessem assinado o boletim de inscrição não cumprem as ordens transmitidas pela hierarquia, criticam os chefes, procuram opôr á comissão local a comissão central ou tendem a tornar, em cada terra, grupos divergentes da U. N. considerando, e dos nossos amigos ortodoxo e os dos outros, heterodoxo e herético.

Não são da União Nacional os que procuram servir-se dela e não servi-la os que preferem á obediência a morbidez das suas apaixonadas e tantas vezes interesseiras preferências pes-

soais e os que procuram subordinar a uma estreita visão local o vasto panorama da Revolução Nacional.

Só são verdadeiramente da União Nacional os que a cada momento e em qualquer lugar dão provas da sua fidelidade e obediência.

O espirito da Revolução Nacional, continua o distinto órgão da União Nacional, é o espirito da verdade, é o espirito de sacrificio—disse-o uma vez mais o Chefe da U. N.

A politica nacional do Estado Novo é o resultado da conjugação da politica de verdade com a politica de sacrificio.

O espirito da verdade é, em politica teórica, a adesão da intelligência ao ideal dum Estado que salvaguarda a dignidade da personalidade humana e as instituições naturais que constituem a nação e, na politica prática, depois da escolha conscienciosa dos meios, a applicação da vontade á consecução dos fins. O espirito da verdade está em contraposição absoluta com o espirito demagógico que afasta as soluções necessárias desde que elas exijam quaisquer sacrificios dos governantes ou dos governados. A demagogia estalece a politica da mentira que a cada momento sacrifica ás paixões e a um falso bem-estar o interesse da nação e a prosperidade das futuras gerações.

O espirito de sacrificio é o que leva os homens a dedicar-se pela obra a realisar porque a consideram necessária justa e bela. O sacrificio é uma dádiva da alma que ennobrece o homem. Pra-

CASAMENTO

Na igreja de São João de Vila Boa, deste concelho, consorciaram-se os senhores Manuel Latino Gonçalves Ramos, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, com a sr.ª D. Maria Ondina de Azevedo Nunes Pereira, professora oficial. Desejamos-lhes muitas felicidades.

ticado colectivamente redime as Pátrias.

Tudo o que hoje existe de grandioso é o fruto dos sacrificios já feitos. Temos de continuar. É esta a nossa obrigação.

Somos uma geração de sacrificio. Ai! dos que julgam que esta frase não passa duma imagem e que ela não nos impõe inexoravelmente a realidade do nosso destino!

A verdade é que temos de ser até o fim a geração de sacrificio. Espiamos os erros do passado e preparamos um futuro melhor para a nação e para os nossos filhos.

E' com as nossas renuncias e sacrificios que a Revolução continua.

—Merecem atenção as considerações que foram lidas.

Nós servimos o Estado Novo com toda a dedicação e entusiasmo, e desejariamos que todos soubessem sacrificar-lhe comodidades e interesses pessoais, a bem da colectividade.

Sejamos essa geração do sacrificio—sacrificio que salva e redime, sacrificio patriótico pela Nação.

ECOS SEM ECO

Conferência de S. Vicente de Paulo

Enquanto o mundo político

se agita febrilmente da América à Europa, e desta à Africa e se prolonga lá pelo Oriente até aos confins da Terra, há um povo, uma Nação que se não inquietava, que não interrompe seus labores, e vai cuidando com solicitude, cada vez maior, nos seus, nos de sua Nação,—são os Vicentinos, que na sua escolhida e inumerável família—dos pobresinhos, dos desprotegidos—vai pondo todos os seus desvelos e carinho.

Tanto se fala em fraternidade (de canhão e punhal) e não se repara que aquela só existe onde o bafego da Caridade cristã, e esta exemplificada, bem ao vivo, nas Conferências de S. Vicente de Paulo.

Fraternidade admirável, filha do nivelamento social em Cristo, operada pela prática da humildade.

Os nivelamentos sociais são impossíveis quando se não fundem na Caridade, na humildade, como está mais que provado pela experiência de todos os dias.

E o que diremos da Fraternidade, diremos da Igualdade, que só se verifica no exercício ou prática da Religião Cristã, dentro do qual todos somos irmãos, todos somos iguais, e mais praticamente nas Conferências de S. Vicente de Paulo, onde o rico se abeira do pobre, o nobre do abandonado, o abastado do faminto, o homem alegre e que goza da paz se aproxima do aflito e desconsolado para o animar, levantar seu espirito e consolar seu coração oprimido; aqui, sim, se realiza a igualdade de todos os homens, compartilhando uns das necessidades e misérias dos outros.

Ação Católica e Conferências

são partes dum todo, isto é, as Conferências são a prática do A. C. e poderemos dizer a quinta essência da mesma.

No auxilio prestado à hierarquia, que haverá de mais pratico do que o apostolado dos Vicentinos que em todas as semanas andam espalhando o bem, o beneficio temporal e o espiritual, por tantos irmãos talvez já transviados ou a caminho de se transviarem!

Apostolado bendito o dos Vicentinos, que tantas e tantas almas chamam ao bom redil ou nele o conservam pelos seus excessos de Caridade e fraternidade cristã.

Entre os Vicentinos, sem dúvida, se poderá recensear o escol da A. Católica, pois que aqueles já a veem realizando desde seus começos—desde seu glorioso fundador Frederico Ozanam, e melhor ainda pelo seu santo patrono, e nunca assas cantado S. Vicente de Paulo.

Que duas escolas de A. Católica não são as vidas dum e doutro, que ambos foram os apóstolos da cidade de Paris, um no século XII e outro no século XIX.

E' desolador o facto

de apenas 16% dos vicentinos de Lisboa comparecerem à última Assembleia Geral das Conferências de Lisboa, como fizeram sentir as «Novidades».

Do facto deve concluir-se que entre os 600 Vicentinos de Lisboa há muitos que não estão imbuídos do espirito das Conferências, isto é, de seu Santo Patrono e de seu zeloso fundador.

Os membros das Conferências precisam de esmerado cultivo na sua formação e assidua e devotada assistência no seu trabalho e acção.

E' indispensável áqueles o trabalho da A. C., a fim de que sejam preparados e dispostos a fazerem, por

NO MUNDO DO ABSURDO

As desordenadas reformas levadas a cabo em democria criaram a confusão integral nos serviços públicos.

Fruto de sucessivas sobreposições legislativas, a organização dos quadros da administração pública era a própria negação das virtudes essenciais das características inseparáveis da palavra organização.

Quanto aos vencimentos reflectiam, como não podia deixar de ser, as maravilhas de semelhante estado de coisas. Havia casos de mesquinhez revoltante a par de outros casos de escandaloso exagero, num dominio em que se vivia sob o signo da desigualdade mais clamorosa.

E' que a igualdade teórica e metafísica proclamada pelos regimes que melhoram a sucessão idiclogia da Revolução Francesa, corresponde, no mundo das coisas concretas, a disparidade mais irritante.

Ninguém pode, evidentemente, preconizar uma absurda planificação do funcionalismo e um critério de retribuição que suprima ou diminua a hierarquia necessária. Nisto estão de acordo todos aquêles a quem não seduz a miragem illusória dum comunismo impossível.

Mas o que se não legitima nem justifica é que, sem se ter sequer em conta a produtividade em qualidade e em volume do trabalho dispendido pelos funcionários dentro da mesma categoria, se lhes pague conforme o serviço em que estão colocados, em obediência a imposições de méro arbitrio.

Mas o que se não compreende é que se retribua o funcionário de categoria inferior mais largamente do que o seu superior hierárquico, de tal sorte que o acesso na escala de promoções chegue a representar um prejuizo pecuniário e uma punição da fatalidade.

Mas o que se não percebe é que se não respeitem as regras naturais de proporcionalidade na organização in-

terna dos serviços públicos, havendo, segundo as categorias, mais quem mande do quem obedeça, mais chefes de repartição e de secção do que subordinados.

Costuma apontar-se como exemplo sumamente hilariante do desconchavo da democracia negra em terras da Sibéria a constituição do seu exército de opereta que aqui há tempos contava, segundo as estatísticas mais sérias e dignas de crédito, 1027 generais, 875 officiais superiores, 532 subalternos e 88 soldados.

O nosso funcionalismo constitue a réplica civil do exército prêto de Mouróvia, coisa que não podia deixar de irritar as pessoas de bom senso e de pele branca.

Quasi chega a não se perceber como se tinha atingido semelhante grau na perfeição em matéria de desconcerto, hoje que o tempo começa a distanciar-nos das causas que geraram semelhantes efeitos.

Para as gerações novas que não viveram com plena intelligência das coisas políticas na pavorosa ambiência da democracia parecerá inexplicável a acumulação de erros e de absurdos que representava a organização dos nossos serviços públicos e a forma puramente anárquica de retribuição dos respectivos serventários.

E' preciso lembrar o que foi entre nós a democracia à solta durante dezasseis anos para se acreditar possível a realidade que temos diante dos olhos na lúcida exposição do relatório que precede o notável decreto ultimamente vindo lume no Diário do Governo.

O espirito de compádrrio inerente aos regimes que vivem do sufrágio universal, a incapacidade legislativa do parlamento e a índole peculiar das intervenções governamentais criaram o caos em que se exigia introduzir ordem, disciplina e equidade.

Com o seu último decreto acaba o governo de liquidar um dos mais tristes legados da democracia.

PALAVRAS E OBRAS

LER PARA CRER

Naquele tempo, disse Jesus Cristo: «Nem todos os que dizem Senhor, Senhor, entrarão no reino do Ceu, mas sim aqueles que praticarem boas obras».

E que melhor e mais bela obra será agradável aos olhos de Deus, do que o auxilio moral e material prestado á propaganda das missões católicas, que que se acham espalhadas, disseminadas pelas cinco partes do mundo para a conquista das almas dos atêus e infieis?

Eu me explico.

A «Cruzada Missionária» é um jornalsinho minúsculo, tão pequeno do corpo como é grande na alma. É, como já tive ocasião de lhes dizer, um relatório sintético, onde se dá conta, mensal e permenorisadamente, do movimento missionario cristão daquem e dálem mar em Africa, Asia, etc.

E que dramas, que tragédias, que actos de heroísmo e de abnegação se leem, se adivinham e se sentem através daquelas quatro pequeninas páginas, tantas vezes escritas com o proprio sangue dos seus mártires!...

Bastará dizer-lhes, que cada Missão no interior dos sertões da Africa ou nas budicas e misteriosas paragens da China, são outros tantos calvarios, onde as missionárias e missionarios morrem; umas vezes resignadas outras alegres e contentes por amor a Deus e ao proximo!...

Todavia, apesar de todas estas provas de sacrificios cruentos, que vão até ao mártirio e á morte, nem os missionarios nem as missionárias foram ainda compreendidas pelos atêus e por muitos católicos, tal como Jesus Cristo não foi compreendido pelo povo judeu.

Querem uma prova bem provada? Ei la:

Uma senhora, que tem pelas Missões e pelos missionarios a mais desvelada simpatia e protecção, organisou, a pedido do Superior das Missões de Cucujães, uma lista com nomes de senhoras católicas, de Barcelos, que melhor e mais facilmente podiam e deviam auxiliar a propaganda e venda do jornalsinho a «Cruzada Missionaria».

Pois bem; a-pesar deste pequeno sacrificio que o Superior das Missões reclamava, tres dessas senhoras católicas (?) recusaram essa sagrada missão de propagandistas, devolvendo o jornalsinho á casa paterna!...

É o que se depreende da carta abaixo transcrita, enviada a essa senhora em referencia, que detesta o exhibicionismo snob, a qual, depois de muito instada consentiu na publicação.

Segue a carta:

«Cumprimento V. Exc.ª e agradeço» muito reconhecido o obséquio da sua carta e o vale de 15\$00 escudos que se obrigou enviar para a «Cruzada Missionária».

Dou a V. Ex.ª boa noticia de que as pessoas que fez o obséquio de me indicar, á parte umas 3, receberam o querido jornalsinho e no Colégio do Menino Deus continuam a fazer propaganda.

Barcelos continua, por isso a marcar o seu amor ás Missões.

Retribuo e agradeço a V. Ex.ª os seus cumprimentos de B. F. e agradeço igualmente a esmola que nos enviou pedindo ao Menino Jesus que abençoe o seu labor e a encha de consolações.» (a) P.ª Jaime Boavida.

Como podem vêr por esta consoladora carta, se o procedimento daquelas 3 senhoras Católicas (?) que se recusaram «trabalhar na vinha do Senhor, nos causou dolorosa tristeza, em compensação rejubilemos» todos pela generosa attitude das outras senhoras, para quem vão os mais justos e merecidos louvores dos amigos das Missões e do

sua vez, Acção Católica e da melhor, como temos dito.

Parece círculo vicioso, mas não é: pois que o trabalho ou acção dos Vicentinos é um verdadeiro apostolado, que se não improvisa, mas que se forma na escola da A. Católica e saindo desta vai apostolizar entre os pobres e miseráveis a Caridade Cristã, o conhecimento de Deus, sua divina doutrina, sua Santa Igreja.

Eis a Acção Católica, eis as Conferências de S. Vicente de Paulo.

P. M.

SOCIEDADE

**Aniversários
Fazem anos**

Hoje: o sr. Frederico Augusto Pereira de Carvalho.

Amanhã—o sr. Augusto Lopes Anjo Teixeira de Melo.

Dia 28 —a sr.ª D. Maria Amelia de Faria Carvalho e o sr. António Fernandes Correia.

Dia 29—a menina Maria Emilia de Faria Torres.

Dia 30—o Major de Engenharia sr. Francisco Filipe dos Santos Caravna.

Dia 31—o sr. Camilo Gonçalves Ramos.

Dia 1 de Janeiro —a sr.ª D. Maria Ondina Azevedo Nunes Pereira e o sr. Manuel Augusto de Araujo Passos.

**Veneravel Ordem Terceira
de São Francisco**

Reuniu-se no domingo passado a assembleia geral da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, tendo presidido o respectivo Commissario, sr. P.ª Raimundo Neves Barata, secretariado pelos srs. Avelino Gomes de Sousa e João de Sousa.

Procedeu-se á eleição do Definitorio que tem de administrar a Fraternidade e estabelecimentos de caridade nela incorporados,—Recolhimento e Asilo do Menino Deus, Sopa e Pão dos Pobres e Creches D. Antonio Barroso—durante o trienio que começa no dia primeiro de Janeiro proximo—e foram eleitos, por unanimidade de voto:

Definitorio Efectivo: Ministro, P.ª Joaquim Alexandre Gaiolas; Vice-ministro, Dr. Adelio Carvalho Marinho da Silva; Mestre de Noviços, João Batista da Silva Correia; Tesoureiro, João de Sousa; e secretario, Avelino Gomes de Sousa.

Definitorio Substituto: Ministro, João Duarte Veloso; Vice-ministro, Dr. José da Graça Faria Junior; Mestre de Noviços, P.ª José de Faria Coelho; Tesoureiro, Humberto Carmona Coelho Gonçalves e Secretario, Gualter da Cunha Leite de Meireles.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

CRIANÇAS

(Da magnífica revista «Portugal Feminino»):

A criança, brinquedo de luxo na mão dos ricos, sorriso de radiosa claridade num lar remediado, é, muitas vezes, no lar do pobre — muito mais para os que não têm sequer um lar — motivo de arrelia, um estorvo, um pesadelo, desdita que lhes coube em sorte numa hora de má disposição divina.

Para esses, para os sem lar, deve ir não só a nossa caridade, quer ela se manifeste em simples palavras de piedade, quer generosamente se exteriorize em casaquinhos de malhas e outros regalos de festa e bodas, feitos durante os longos serões de inverno, mas também a solidariedade unânime e imediata de todos aqueles a quem a causa da criança interessa, de todos os que confiam, que crêem num amanhã melhor, numa geração nova, vitoriosa e forte.

Muito há feito, é verdade, mas — Santo Deus — o que é isso comparado com o que há a fazer! A caridade particular, que mãos piedosas e corações plenos de ternura têm conseguido realizar — não pode, só por si, remediar, preencher a imensa lacuna que reclama uma atenção imediata, uma enérgica intervenção de quem tudo pode. Essas crianças, que solicitam amparo, são, afinal, aqueles mesmos soldados de amanhã de quem o país exigirá deveres, o maior dever, o máximo sacrifício: o da vida. E como é que uma sociedade em ordem pode exigir ao homem um tal dever, quando se não importou o bastante com esse direito, de verdadeira essência divina, que é o direito à vida?

Parece natural, na ordem das coisas, que a sociedade, a nação, cumpra para com a criança todos os deveres pelo menos tão rigorosamente como amanhã exigirá, quando homem, que esteja pronto a cumprir o seu.

Nos bairros pobres, em promiscuidade com gatos sarnosos e caixotes de lixo, a criança vive num abandono imundo, mal alimentada, sem educação moral, nem cívica nem intelectual, perfeitamente ao «Deus dará». E, neste caso, Deus não terá delegado em nós?

Haverá direito, numa hora em que se fala no ressurgimento da raça, de deixar ao abandono a criança, o homem de amanhã?

Porque, tal como se constroem navios, se concertam estradas, se restauram igrejas, se formula uma propaganda que grita ao mundo o nome de Portugal, não se edificam com igual afan, mais creches, escolas, cantinas, lugares de recreio e educação, onde se ensine a ler e a brincar, onde a criança encontre o amparo de que carece, cuidados, higiene e educação? Quando deixarmos de ver pelas ruas raparigas e rapazitos crescidos, a quem o pedir já devia humilhar, numa toada de lamúrias, esmolando, nesse dia Portugal terá dado mais um grande passo para se pôr a par das nações europeias, onde se gastam com a assistência infantil, verbas elevadíssimas, para nós desconhecidas.

Ainda há pouco, um grande magazine francês publicava, segundo dados estatísticos da Sociedade das Nações, um mapa comparativo das quantias gastas nos diferentes estados com a educação e assistência infantil. Portugal figurava no último lugar da escala, com 1,5 por cento das despesas gerais. Que página triste a contrapor-se ao bom conceito em que o estrangeiro nos tem!

As raparigas, em contacto com a vida ávida e cruel, caminham lamentavelmente para a perdição, e da má mulher que se prepara nasce irremediavelmente uma pior mãe, uma péssima educadora.

E' vê-las, às pequenitas, os olhinhos mal abertos para a vida, aí por essas vielas, querendo, na sua incerta compreensão de crianças, perceber certas

As eleições inglesas

Não deixam de ser significativos os resultados das recentes eleições inglesas que, assegurando a vitória dos conservadores e a manutenção das direitas no poder, garantiram a continuidade da política internacional britânica numa hora excepcionalmente delicada e em que se debatem, no xadrez europeu, interesses de primeira grandeza.

Para quem quer que siga com atenção a política da grande nação insular o resultado do acto eleitoral não causou surpresas. De antemão se previa o triunfo de Baldwin e a consolidação do estado de coisas actual, muito embora se soubesse que melhoraria sensivelmente a posição dos trabalhistas, ao passo que já se visionava o eclipse dos liberais de todas as obediências e dos elementos socialistas entrados com Macdonald na coligação nacional.

O que aconteceu foi o que tinha fatalmente de acontecer no condicionalismo político da hora presente. Porque ao interesse da Grã-Bretanha era essencial, neste momento, a continuidade de uma política exterior firme, na linha anteriormente definida que se trata de manter sem transigência mas sem nervosismos, caucionando-a com os elementos de força e de prestígio indispensáveis ao seu êxito pleno.

E nunca, por nunca ser, os ingleses, nas horas decisivas em que está em jogo a sorte do Império, deixam de obedecer às justas imposições de bom senso. Não são para essas alturas as experiências arrojadas, no género daquela que em 1931 custou tão cara ao esterlino.

A Inglaterra interessa hoje consolidar o prestígio da Sociedade das Nações, empenhada a fundo na resolução do conflito entre a Itália e a Abissínia. Independentemente da ameaça que poderia no futuro apresentar para a tranquillidade do mundo e para os interesses vitais do Império Britânico a instalação dos ita-

coisas que lhes espicaçam a curiosidade e tão cedo lhes vem desvendar um mundo de miséria moral, horrenda perspectiva que entenebrece o seu desabrochar.

Quiséramos nós que este grito de angústia, soltado por mil bocas pequeninas, de filhos deste Portugal onde o sol tanto os acarinha, fôsse ouvido nas altas regiões.

A estas rapariguitas desamparadas, sem despertar para a vida moral ou intelectual, é que vai ser entregue, num futuro próximo, a sacratíssima missão de criar e educar os homens de amanhã. E como o farão?

Urge ensinar as raparigas a cumprir a santa missão que o destino lhes conferir, prepará-las, — educá-las para mães.

E' de mulheres fortes, educadas, corajosas, de sã moral, que podem nascer homens de que Portugal se possa orgulhar.

Bem hajam todos aqueles que muito já fizeram pela criança. E' tanto e tão pouco!

Mas depressa, muito depressa, vamos todos tentar fazer mais, muito mais.

E' preciso salvar a Raça, salvar a Criança.

Alice Ogando

Leram?

Protejam as crianças, principalmen-

lianos e do seu jovem apetite numa posição de onde dominariam o Soldão e o Egito e a criação duma África Italiana em condições de controlar o Mar Vermelho e o caminho das Índias — independentemente desses riscos, a Inglaterra reconhece a necessidade de concorrer efectivamente para a estabilização da política internacional e para a garantia da paz dentro dos métodos da Sociedade das Nações. E' que a nenhum país como a Inglaterra, povo de comerciantes, interessa a conservação da paz que é a primeira condição de actividade mercantil.

Forçados a intervirem a fundo, através da Sociedade das Nações, no conflito italo-abexim, os ingleses não querem pôr nessa intervenção nem excesso de zelo nem violência escusada, mas reconhece que a eficiência da sua acção, agora e no futuro, depende do valor das suas instituições militares e do potencial guerreiro dos seus armamentos marítimos, aéreos e terrestres.

Se os trabalhistas fôsem agora ao poder — plenamente o reconheciam os ingleses votando como votaram — é bem provável que estes objectivos se não atingissem plenamente.

Os trabalhistas persistiriam — é certo — na atitude internacional tomada, mas correr-se-ia o risco de a ver transformada numa indiscreta e irritante cruzada contra o fascismo, praticando-se excessos irreparáveis, ao passo que, fieis a certos mitos pacifistas, naturalmente desprezariam a criação da força necessária ao prestígio de palavra inglesa.

Só os conservadores ofereciam garantias de que o interesse britânico seria escrupulosamente atendido e servido, através da continuidade de uma política inalterável de firmeza e de serenidade.

Foi o que o povo inglês compreendeu e exprimiu perante o mundo pelo voto de 14 de Novembro.

te as que necessitam de socorros corporais e espirituais.

Lembrem-se do Recolhimento do Menino Deus, que para cumprir a sua missão precisa de auxilio monetario dos bemfeitores.

Não esqueçam a «Casa de Santa Maria», que uma benemérita senhora fundou e quasi sustenta á sua custa, porque os barcelenses parecem andar esquecidos do bem que essa casa está a fazer.

Olhem com carinho para as Creches D. Antonio Barroso, frequentadas por uma média de 150 *miudinhos* de ambos os sexos, filhos de operarios e de gente pobre que para ali os mandam, onde são educados e se lhes dá uma pequena refeição porque não há dinheiro para mais.

E' esta Créche obra de um benemérito da nossa terra, que tanto e tanto tem feito e faz pela pobreza e que a subsidia com 300\$00 mensais.

Quantos poderiam ajudar a Direcção do Recolhimento onde estão instaladas tantas obras de assistência!

A «Sopa dos Pobres», está na contingência de acabar porque o dinheiro lhe falta. São 80 sopas e outras tantas rações de pão que diariamente deixam de ser distribuidas.

E que falta faz! Quantos miseráveis não tem que comer, sendo socorridos pela «Sopa dos Pobres»!

E não aparecerá quem valha a esta instituição?

Recolhimento do Menino Deus

Esmolas recebidas neste mês

Sr. Secundino Pereira Esteves, uma raza de milho e feijão; Anónimo, 7,5 de massa, 5 kilogr. de arroz e 5 kilogr. de assucar; Sr.ª D. Maria Jacob de Carvalho, em sufrágio da alma de seu marido sr. Capitão Henrique de Carvalho, 100\$00; Sr. Conselheiro Dr. Sá Carneiro — 20 razas de milho e outras 20 razas para a «Sopa dos Pobres»; Sr. Manoel Lebreiro, para o Recolhimento, 20\$00; para a «Sopa dos Pobres», 10\$00; para o Pão de Santo Antonio, 10\$00; para as Creches D. Antonio Barroso, 15\$00; Anónimo — 7,5 de massa, 5 de assucar, e 5 de arroz; Sr.ª D. Elvira Neves Moreira — 1 raza de milho; Sr. José de Bessa e Meneses — 200\$00; Sr.ª D. Graça Faria — 12 raza de milho e trigo; Sr. Francisco Nogueira Martins — uma raza de batatas e hortaliça; Sr.ª D. Guilhermina Carneiro da Fonseca — 15\$00; Sr.ª D. Rosa Batista — 1 raza de milho; Sr. Domingos Ferreira Vale — 1 raza de batatas, meia raza de feijão, cebolas e mel; Sr. Manoel Pereira da Quinta — 10 kilogr. de assucar, 1 ceira de figos e 1 caixa de aletria; Anónimo — 5 kilogr. de aletria e 5 kilogr. de assucar; Firma Tomás José de Araujo & C.ª — 10 kilogr. de bacalhau, 10 de arroz e 8 de assucar; Anónima — Uma caixa de brinquedos e lenços para as Creches e Orfãs; Fábrica de Fiação e Tecidos, de A. J. da Silva Pereira, a pedido do Sr. Dr. Matos Graça — 12 cobertores de algodão; Do sr. Antonio Fernandes Correia, dinheiro encontrado no estabelecimento da firma Tomás José de Araujo & C.ª 28\$95.

«Sopa dos Pobres»

Anónimo — 40 kilogr. de cevadinha; Sr.ª D. Elvira Neves Moreira — 1 raza de milho; Firma Tomás José de Araujo & C.ª — 10 kilogr. de bacalhau, 10 de assucar e 10 de arroz.

CONSOADAS

«Ovos de São Bento»

Esta obra de assistência, criada na Igreja do Terço pelo sr. Padre Bonifácio Lamela, distribuiu ante-ontem por 92 pobres um bôdo que constou de 1 pão, 1 bacalhau, 1 kilogr. de batatas e 6 ovos.

«Sôpa dos Pobres»

No Recolhimento tambem foram distribuidos a 100 pobres 1 bacalhau, batatas e pão.

As pessoas encarregadas de fazer a distribuição destas e doutras esmolas, tem sempre o maior desejo de acertar. Não acontece, porém, o mesmo com os que recebem. O seu egoísmo leva-os a quererem açambarcar todas as esmolas, não tendo para os outros a caridade que para si desejam. Se o não conseguem, caluniam, são insolentes e só por amor de Deus se podem tolerar.

O nosso digno Prior bem lhes preza, mas é a *vox clamantis in deserto*.

Conferência de S. Vicente de Paulo

Donativos recebidos

Por intermédio dos srs. Prior, de um anónimo 5\$00; Manuel da Silva de J. M. 5\$00; Manuel Castro, de Manuel José Alves, uma raza de milho 11\$50.

Dr. Constantino Rodrigues

A passar as Festas com sua família, encontra-se nesta cidade o nosso distinto camarada de redacção e illustre vice-presidente da C. A. da Câmara Municipal sr. dr. José Constantino Lopes Rodrigues que se encontra quasi restabelecido.

Feitos, 26

Fêz anos, no dia 5 do corrente mês, o Rev.º P.º Geraldo Alves da Cruz Ferreira, digno paroco desta freguesia. Sua Rev.ª dedicou a missa que disse neste dia, a todos os seus paroquianos, vivos e falecidos, pelo que finda a missa, foi muito cumprimentado na sacristia, pelos seus paroquianos e crianças da Catequese e Cruzada Eucarística, que o mesmo sacerdote muito reconhecido agradeceu.

—Terminaram no dia 23 de Novembro findo, as obras de construção da torre da nossa igreja paroquial, feita por subscrição publica, sendo a seguir colocados os sinos nas sineiras, trabalhos estes que terminaram já de noite.

O primeiro toque de sinos na torre, foi feito pelo respectivo paroco, Rev.º Abade Geraldo Alves da Cruz Ferreira, fazendo assim a estreia dos mesmos sinos, na nossa torre.

A torre ficou um primôr. Por estas proximidades em redôr, não ha outra igual. Honra o mestre e os artistas que a fizeram; muito modestia e elegante, no meio dos casarios brancos, firme como uma sentinela vigilante, mostrando-se presenteiramente ás povoações marginaes do rio Cavado, que lá no fundo se destacam com os seus aglomerados de casas espalhadas pelo litoral, deslizando aos olhos do observador num horisonte vastissimo, extenso até ao oceano.

A sua inauguração realisou-se no passado domingo, dia 22, com missa solenne, sermão por um distinto orador sagrado, na igreja paroquial, como a adoração ao Santissimo Sacramento da parte de tarde. Abrilhantou esta festa todo o dia, a Banda de Musica dos Bombeiros Voluntarios de Barcelinhos, quem, tambem, esteve a cargo a musica

do côro, durante as referidas solenidades dos actos religiosos.

Estas solenidades, foram dedicadas em honra de N. S.ª da Guia, Senhora de muita devoção em remotos tempos que antigamente na antiga igreja matriz desta freguesia, era muito venerada pelos povos da beira-már, na maioria pescadores, que, naquele tempo era administrada por uma importante confraria que se dissolveu com a extinção da antiga igreja paroquial, do orago de S. Tiago de Enchate.

Na nova torre, muito brevemente deve sêr colocado o relógio, gostosamente oferecido pelo digno filho desta freguesia, sr. Manoel Ferreira de Araujo.

A esta obra, fica ligado para sempre o nôme de quem foi capaz de incutir na alma e no coração daqueles que com muito sacrificio meteram ombros a esta empresa.

Muitos e muitos parabens ao nosso dignissimo paroco Rev.º Sr. Abade Geraldo Alves da Cruz Ferreira, para quem primeiro são dirigidas as nossas jubilosas saudações, justamente compartilhadas com todos os seus paroquianos, pela sua iniciativa, pela sua actividade, pela sua intelligencia, pelo seu espirito de organização e de impenitentes bairristas, que tudo fazem

para engrandecer Feitos, a nossa terra, este cantinho abençoado em que nascemos, este pedaço de ceu em que os nossos olhos se fixaram pela primeira vez, onde balbuciamos as primeiras palavras e ensaiamos os nossos primeiros passos desabrochando para a Vida e para a Luz, terra do nosso amor, encanto dos nossos corações, e berço dos nossos maiores—lindo rincão do nosso Portugal.—C.

Areias S. Vicente, 23

Desejo que tivessem Boas-Festas e que tenham boas entradas, no Novo Ano.

—Acaba de reabrir, em Braga, um novo estabelecimento de cerâmica. Fica situado na rua Rodrigues de Carvalho (antiga rua do Soufo) n.º 2 a 4. E' propriedade do nosso bom amigo e correspondente dêste jornal, na sua freguesia, o sr. João de Macedo Corrêa. Desta forma quer êste nosso dedicado amigo mostrar o quanto se interessa pelo desenvolvimento da indústria na sua freguesia. Já o ano passado fez o mesmo na vila da Póvoa de Varzim, onde foi e está sendo bem acolhido, dando-lhe assim recompensa ao esforço e capital dispendido. Oxalá que os bracarenses procedam, a não ser mais,

tanto como os povoenses.

—Terminam amanhã as novenas do Menino Deus. Têm sido muito concorridas havendo diariamente bastantes comunhões.

—Amanhã celebrar-se-há a missa do 7.º dia pela alma do falecido José Joaquim Fernandes, pai dos srs. António Barbosa Fernandes e Joaquim Barbosa Fernandes, industriaes desta freguesia.

—Faz anos no dia 26 o sr. Laurentino de Araujo, negociante e industrial desta freguesia; no dia 28 Carolina Lopes de Ventura e Berta de Macedo Soutelo; no dia 30 António Ferreira Galho e no dia 31 Maria Corrêa de Macedo, filha do proprietário e industrial desta freguesia Joaquim de Macedo Corrêa.

—Acaba de fixar a sua residência definitiva nesta freguesia o nosso bom amigo Manuel de Macedo Correia, proprietário e capitalista, que até agora tinha a sua residência em Manhente. Rejubilamos com a sua vinda pois é católico pratico e sobretudo grande amigo de praticar a virtude da Caridade.

—A 26 foi celebrada uma missa pelos parentes falecidos de Francisco Ferreira, residente em S. Paulo, grande bemfeitor dos pobres desta freguesia.—C.

Carapeços, 23

A pedido da Comissão da União Nacional desta freguesia, foi a Estação Postal de Carapeços autorizada a expedir e receber valores declarados, para o continente e estrangeiro, assim como encomendas postais até ao limite de pêso de 6 quilos e cartas por avião, tendo aquela estação sempre grande depósito de selos para quem quizer fazer remessa pelo correio, como consta do despacho do Sr. Administrador Geral dos Correios de 10 de Dezembro de 1935.—C.

ASSINANTES DO CONCELHO

A todos os assinantes onde ainda não temos pessoa encarregada de fazer a cobrança, pedimos o especial favor de virem pagar as suas assinaturas á tipografia do nosso jornal, em frente ao Correio Geral.

NOITES MOSCOVITAS

É um filme maravilhoso, obra prima da cinematografia. Com a colaboração dos quatro grandes artistas—Annabella, Harry Baur, Spielly e Pierre Richard Willm, o fonofilme que no próximo domingo será exibido no nosso teatro, tem cenas inesquecíveis, tais como: A seara imensa, nas margens do Volga. Os batelões, puxados á sirga pelos camponeses. A espionagem, durante a guerra. A Rússia em armas. O maior baile que se tem realizado para o cinema. O fausto das grandes festas e as orgias pagãs, com vinho e musica a ródos. O drama do amor e do ciúme. Numa palavra—um filme maravilhoso.

Grandiosa realisação de Aleis Granovsky, com a colaboração da grande orquestra de Zingaros de Alfred Rode e dos Coros Russos de Omitrievitch.

«Noites moscovitas» é um filme que tem fido elogiós de toda a imprensa.

Aos nossos leitores, recomendamos que não deixem de vêr, o fonofilme do próximo domingo.

DONATIVO

O nosso ilustre conterraneo sr. Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, mais uma vez se lembrou dos nossos pobres, mandando 8.500\$00 ao Presidente da Comissão Administrativa da Santa Casa, sendo 1.00\$00 para o Asilo de Invalidos e 7.500\$00 para serem distribuidos por 150 pobres, dando-se a cada um 50\$00, o que já se cumpriu.

Quanta alegria esta esmola causou em lares onde falta o pão e só lagrimas e desesperos abundam?

Que Deus prolongue por muitos anos a vida deste benemerito, pois tanto bem tem espalhado a sua benfazeja mão, que todos nós beijamos com gratidão.

AS CASAS DA METROPOLE NAS COLONIAS

A nossa administração colonial teve com a brilhante acção do Sr. Dr. Armino Monteiro, como Ministro das Colónias, e não menos com a que tem sido exercida pelo actual Ministro, Sr. Dr. José Bossa, digno continuador da obra neste sector compreendida pelo Estado Novo, uma profunda transformação.

Precedeu-a a publicação do Acto Colonial, monumento juridico em que o Sr. Dr. Salazar imprimiu perdoavelmente a unidade do Império com o vinculo indissolúvel de todas as parcelas do território nacional.

O largo esforço levado a cabo para a normalização da ordem administrativa, nas finanças alcançando o equilibrio orçamental, que não dispôs o auxilio da Metrópole, e impondo regras de boa contabilidade, nos serviços introduzindo, disciplina e moralidade, verificou-se em periodo de aguda crise, o que faz ressaltar o seu valor e a alta compreensão do dever civico e patriótico dos nossos colonos.

Só nessa base necessária de estabilidade financeira podia, a despeito das consequências de um passado económico desordenado, fazer-se assentar o ressurgimento que, através de todas as dificuldades resultantes da crise que não provocamos, os indices coloniais incontestavelmente mostram.

Que seria sem essa politica de prudência e de bom senso?

Os exitos alcançados nas Feiras de Amostras e na I Exposição Colonial do Pôrto, coadjuvados pela protecção dada ao nosso comercio com as colónias, revelam-se na mudança das posições da importação e da exportação dos productos portugueses entre as colónias e a Metrópole.

Como complemento dessas dili

gências, foram criadas pelo Decreto n.º 24.445. de 5 de Janeiro do ano findo, as Casas da Metrópole em Luanda e Lourenço Marques e a Casa do Ultramar, em Lisboa, com uma delegação no Pôrto.

Acabam de se instalar as Casas de Luanda e de Lourenço Marques, as quais cabe um vasto plano de acção no estreitamento das relações económicas e culturais das partes componentes do Império e no estabelecimento de fortes laços de solidariedade entre os seus elementos.

São suas atribuições:

a) Fazer a propaganda dos productos portugueses nas colónias ou na Metrópole com o objectivo de alargar e melhorar o seu mercado;

b) Estudar as características especiais dos mercados colonial e metropolitano para melhor adaptação da produção portuguesa ás suas exigências e necessidades;

c) Informar os organismos interessados (comerciantes, industriaes, associações e corporações) e os governos sobre a acção que forem desenvolvendo, as características dos mercados e as possibilidades da colocação de productos em cada momento;

d) Prestar procuradoria e agência comerciais aos organismos colectivos que as solicitarem, aos comerciantes e industriaes portugueses ou estabelecidos em Portugal e ao Estado;

e) Organizar pequenas exposições de productos nacionais nas localidades e ocasiões em que convenha fazê-lo ou concorrer ás que outros organizem; organizar feiras nas colónias para a venda de generos portugueses e indigenas;

f) Facilitar por todas as formas a

colocação dos productos da agricultura e da industria nacionais nos mercados, intervindo junto dos organismos officiais para que todas as possiveis facilidades sejam dadas á expansão do comercio português;

g) Organizar missões comerciais de estudo e propaganda dentro da própria colónia ou das colónias mais proximas;

h) Estudar as condições dos mercados nas colónias estrangeiras vizinhas, procurando fazer nelas a propaganda dos productos portugueses, de acôrdo com os cônsulos respectivos;

i) Fazer nos jornais locais e por meio de folhetos, cartazes, conferências ou outros meios a propaganda do esforço presente de ressurgimento nacional, procurando alargar o interesse pelo movimento intelectual metropolitano feito com sentido nacionalista e pelo livro e pelo jornal portugueses;

j) Actuar junto da mocidade escolar para lhe fazer conhecer e amar Portugal nas suas belezas, na sua história, nos seus valores morais e intellectuais, no seu esforço presente;

A sua acção animada pelo espirito nacionalista dos seus dirigentes e funcionários, como é próprio das instituições do actual regime, será tanto mais eficaz quanto tenha o apoio de todos os portugueses que pelas suas condições profissionais tenham ao seu alcance colaborar para o engrandecimento do Império.

Do seu programa de realizações imediatas consta a organização de uma exposição permanente dos productos das industrias portuguesas que nos mercados coloniais podem e devem ter largo consumo e compensador lucro.

Para isso deverão os exportadores enviar para ali mostruarios, o mais completo possível, dos artigos com que desejem concorrer a esse vasto e muito abandonado campo de acção.

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

1.ª praça
1.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que no dia 12 de Janeiro, proximo, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de proceder á arrematação em hasta publica dos bens penhorados a Manuel Eugénio da Silva Campos, sorteiro, maior, ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil nos autos de execução de sentença que lhe move Domingos José de Campos, da freguesia de Abade do Neiva, bens ao diante mencionados e que serão entregues, com o encargo de pagamento de sisa e despesas da praça, a quem maior lanço oferecer acima da seguinte avaliação:

N.º 1

Bouça do Outeiro, de mato com pinheiros e de lavradio com ramadas, no lugar do seu nome, da freguesia de Goios, desta comarca, que entra em praça pela quantia de 2.800\$00.

N.º 2

Bouça das Pedras Altas, de mato com pinheiros, situada no lugar do seu nome, da freguesia das Carvalhas, que entra em praça pela quantia de 1.400\$00.

São por este meio citados os credores incertos do executado para deduzirem os seus direitos, sob pena de revelia.

Barcelos, 17 de Dezembro de 1935.

O Chefe da 2.ª secção interino:

a) Manuel Cardoso de Albuquerque

Verifiquei:

O Juiz de Direito substituto:

a) Fonseca

COMARCA DE BARCELOS

Arrematação

1.ª praça
2.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que no dia 29 do corrente, por 11 horas, á porta do tribunal judicial, desta comarca, vai ter lugar a arrematação em hasta pública dos bens penhorados nos autos de execução por custas que o Ministerio Publico, move a Margarida Maria Gomes, casada com Miguel Luiz Alves, da freguesia de Vilar de Figos, desta comarca, e que serão entregues a quem maior lanço oferecer acima da avaliação, ficando a sisa e as despesas da praça a cargo do arrematante.

Bens de raiz alodiais situados na freguesia de Vi-

BLOCO BARCELOS, L. DA

BARCELOS (FABRICA DA GRANJA) TELEFONE 27—BARCELOS 4775—PORTO

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES

ESPECIALISADA EM

CASAS ECONOMICAS

Fornecimento de vigamentos, **Fabrica de Serração** soalhos, esquadrias, Materiais de construções, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

— — MOVEIS E DECORAÇÕES — —

BARCELOS — PRADO — BRAGA

Partidas de Barcelos

8,25 da manhã
11 10 da manhã
1,25 da tarde (a)
4 55 da tarde

DO LARGO DA CALÇADA

N. B.—(a) Estas carreiras não se efectuam aos domingos.

Partidas de Braga

8,45 da manhã
11 30 da manhã (a)
2 15 da tarde
5,15 da tarde

DA RUA DOS CHÃOS.

A EMPREZA

João Bernardino Ribeiro

Avenida Alcaides de Faria

(Largo da Estação)

BARCELOS

Tel. 82

Pensão e Restaurante—Vinhos Tintos e Brancos das melhores procedências. Casa de banho e aposentos com todo o conforto.

Mercearia—Vinhos licorosos e cereais. Sempre os melhores preços. Deposito e Revenda das afamadas aguas minerais de VIDAGO, MELGAÇO, PEDRAS SALGADAS e SALUS.

Consulte a minha tabela de preços.

Agencia da Companhia de Seguros «A MUNDIAL». O maior organismo segurador português. Seguros em todos os Ramos. Os melhores premios.

lar de Figos, desta comarca.

N.º 1

Campo e bouça de Arroteios, de lavradio e mato, que entra em praça pela quantia de 1.400\$00.

N.º 2

Tomadia do Monte, de mato, que entra em praça pela quantia de 150\$00.

N.º 3

Casa e eirado, conhecida pelas Casas da Loja, que entra em praça pela quantia de 3.000\$00.

N.º 4

Leira do Salgueiro, de lavradio, que entra em praça pela quantia de 560\$00.

N.º 5

Leira da Agra de Vilares, de lavradio, que entra em praça pela quantia de 2.000\$00.

N.º 6

Campo do Tilheirinho, de lavradio, que entra em praça pela quantia de 4.200\$00.

N.º 7

Bouça do Espilheiro Velho, de mato e pinheiros, que entra em praça pela quantia de 1.500\$00.

N.º 8

Casa e eirado com cortelho e cobertos, poço de água, ramadas dentro e no caminho,

que entra em praça pela quantia de 3.900\$00.

Para assistirem á praça e mais termos da execução são por este meio citados todos e quaisquer interessados ou credores incertos da executada e para deduzirem os seus direitos sob pena de revelia, e designadamente os herdeiros dos credores falecidos Antonio da Silva Figueiredo e Antonio José Alves, que foram da referida freguesia.

Barcelos, 12 de Dezembro de 1935.

O Chefe da 2.ª secção

Delfino de Miranda Sampaio

Verifiquei:

O Juiz de Direito

A. de Palhares Falcão

José Perestrelo

Largo José Novais BARCELOS

Automoveis de aluguer

Oleos e gasolinas

DR. ADÉLIO MARINHO

Consultorio e Residencia

Rua Dom Antonio Barroso, 141

Telefone 28

Castanho em toros

Compra a Fábrica da Granja—Barcelos.

QUINTA

Compra-se uma quinta, situada á distância máxima de 5 quilómetros desta cidade, que seja servida por estrada e que tenha casa para senhorio e para caseiro.—Dá informação o Procurador Corrêa.

AS BOLACHAS

“Villares”

são Bolachas

porque são

“Villares”

A' venda em toda a parte

VISITEM O GRANDE E LUXUOSO

Salão de Chá

DA

Confeitaria “VILLARES,,

RUA FORMOSA—PORTO

ALUGA-SE

A casa na Avenida Dr. Oliveira Salazar, n.º 45, tratando-se no Largo José Novais, 27.

Procurador Corrêa

Largo José Novais n.º 8

OFICINA DE MARCENARIA

Encarrega-se de qualquer trabalho de marcenaria, com perfeição e por preços módicos. Manuel Maria Braga de Azevedo, em Roriz—Barcelos.

AIRES DUARTE

MEDICO

Ex-Assistente da Maternidade de Coimbra

PARTOS—CLINICA GERAL

Consult.: L. da Porta Nova-Tel.: 129

(Das 10 ás 12 horas)

Resid.: — Campo 5 de Outubro

“NOTICIAS DE BARCELOS,,

ASSINATURAS

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Ano

Barcelos	12\$00
Continente	14\$00
Colonias Portuguezas	25\$00
Paizes Estrangeiros	30\$00
Espanha	20\$00

Dirigir todos os pedidos de assinatura e anuncios á Administração do «Noticias de Barcelos» ou á Tipografia deste jornal.